

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE CEILÂNDIA

FERNANDA CHAVES NOBRE
MARIANA DE MELO RODRIGUES

ANÁLISE SEMÂNTICA E MORFOSSINTÁTICA EM ESCOLARES COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.

Brasília
2019

FERNANDA CHAVES NOBRE
MARIANA DE MELO RODRIGUES

**ANÁLISE SEMÂNTICA E MORFOSSINTÁTICA EM ESCOLARES COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ceilândia - FCE Universidade de Brasília - UnB como requisito para a conclusão do curso de fonoaudiologia, sob orientação da Prof.^a. Dr.^a. Letícia Corrêa Celeste e coorientação da Me. Andressa Queiroz.

Brasília

2019

APRESENTAÇÃO

Inicialmente o presente trabalho consistiu em dois Projetos de Iniciação Científica (PIBIC), onde foi realizado uma análise dos aspectos semânticos e morfossintáticos da linguagem expressiva e receptiva separadamente. O intuito da pesquisa consistiu-se em entender melhor o desempenho de crianças autistas nesses aspectos da linguagem.

Os trabalhos foram finalizados e apresentados em 2019 no 25º Congresso de Iniciação Científica da UnB, sendo ambos agraciados com Menção Honrosa.

Para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a linha de pesquisa definida pelas duas alunas era o Transtorno do Espectro Autista, coincidindo com o tema do PIBIC. Devido a isso a orientadora sugeriu a junção dos trabalhos para o trabalho de conclusão de curso para obtenção do título em bacharel de fonoaudiologia pelas estudantes Fernanda Chaves Nobre e Mariana de Melo Rodrigues, cursando o 8º semestre do curso de fonoaudiologia da Universidade de Brasília (UNB). O diferencial da proposta é a possibilidade de análise em conjunto e inferencial das habilidades linguísticas avaliadas, proporcionando uma compreensão mais global do processamento de linguagem das crianças envolvidas.

O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ceilândia com CAAE 79929517.5.0000.8093 e número de parecer 2.499.005, todos os responsáveis assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e todas as crianças assinaram ou desenharam no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. As coletas foram realizadas em escolas públicas do Distrito Federal, com anuência da Secretaria de Educação do Governo do Distrito Federal e das escolas participantes. Todas as escolas foram convidadas para participar de grupos de discussão para apresentação dos resultados.

O presente projeto não poderia ter se desenvolvido sem o financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal, concedido por meio do Edital 013/2016, o qual a professora Leticia Correa Celeste é coordenadora e a Universidade de Brasília é a Instituição Proponente. Registramos novamente aqui nossos agradecimentos.

A revista escolhida para publicação dos resultados é “Educação e Realidade”, que exige formatação das referências de acordo com normas da ABNT, o estudo está sendo entregue no formato de artigo com as exigências propostas por ela, e a descrição das suas regras está presente no anexo D.

AGRADECIMENTOS

À *Deus*, por sua infinita misericórdia, graça e fidelidade.

Aos nossos *familiares* por todo o apoio e cuidado durante a graduação. Obrigada por todo amor e dedicação.

À nossa querida orientadora, *Letícia Correa Celeste*, por aceitar nos orientar, por acreditar em nós, e por tantas oportunidades. Por compreender nossas dificuldades e nos fazer olhar para além delas. Pelo olhar carinhoso, pelo tom de voz e palavras sempre tão doces durante as orientações. Obrigada por todas as horas que você se dedicou a nós, às nossas dúvidas e inseguranças. Essas linhas não suficientes para expressar tamanha gratidão.

À *Andressa*, que abraçou esse projeto com tanto carinho e aceitou o desafio de ser nossa coorientadora. Por você ter cruzado nosso caminho, gratidão.

A *Fundação de Apoio à Pesquisa do Governo do Distrito Federal (FAP-DF)*, pelo financiamento do projeto e bolsa de pesquisa

Ao *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)*, pela bolsa de pesquisa

Aos amigos que caminharam juntos e torceram por nós nesses anos.

Ao *Arthur Afonso*, por todo amor, companheirismo e paciência nos momentos difíceis.

À *Amanda Pedra*, que se dedicou tanto quanto nós a esse trabalho. Certamente não teríamos conseguido sem você.

À *Amanda Cristina de Souza, Maria Rebeca de Carvalho, Ester Borges, Andreia Silva, Ana Salomão, Fernanda Amandio, Richelli Sabadini e Thaís Gabriele*, pela força e incentivo. Por todos os abraços, conversas e orações. Obrigada por dividirem o peso dessa caminhada.

Aos nossos *professores*, por todo cuidado, carinho e compreensão durante esses anos. Temos muita admiração por cada um de você. Muito obrigada!

E a todos que não citamos, mas que foram essenciais para nossa formação, tanto acadêmica como pessoal. Obrigada por torcerem e acreditarem em nós. Sem vocês nada disso seria possível!

“Precisamos mudar o ponto de vista.
Entender que os lugares são deficientes.
As ideias são deficientes.
O planejamento. O marketing. O design.
O esporte. Não as pessoas.
Inclusão é buscar soluções melhores
para um mundo feito para todos.
É entender a diversidade como força
e não como fraqueza.
É respeitar as diferenças do outro,
olhando de igual para igual.
E se permitir ser aldeia de quem é diferente da gente”

Lau Patrón

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma alteração crônica do neurodesenvolvimento. Dentre as manifestações, está o prejuízo de comunicação. Diante disso, o presente estudo se propõe analisar os aspectos semânticos e morfossintáticos da linguagem receptiva e expressiva em crianças com TEA. A coleta dos dados se deu por meio da aplicação da ADL em escolas públicas do Distrito Federal. Os resultados apontam que na linguagem expressiva os aspectos semânticos mostraram-se melhores que os aspectos sintáticos. Já na linguagem receptiva essa relação é inversa. Além disso, sugere-se que existe uma defasagem entre idade cronológica e idade de linguagem nas crianças estudadas.

Palavras-chave: autismo, semântica, morfossintaxe, linguagem, educação.

ABSTRACT

Autistic Spectrum Disorder (ASD) is a chronic neurodevelopmental disorder. Among the manifestations is the impairment of communication. Therefore, the present study proposes to analyze the semantic and morphosyntactic aspects of receptive and expressive language in children with ASD. The data were collected through the application of ADL in public schools of Distrito Federal. The results indicate that in expressive language the semantic aspects were better than the syntactic aspects. Already in receptive language this relationship is inverse. In addition, it is suggested that there is a gap between chronological age and language age in the children studied.

Keywords: autism, semantics, morphosyntax, language, education.

PÁGINA DE IDENTIFICAÇÃO

ANÁLISE SEMÂNTICA E MORFOSSINTÁTICA EM ESCOLARES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.

SEMANTIC AND MORPHOSYNTACTIC ANALYSIS IN SCHOOLCHILDREN WITH AUSTISM SPECTRUM DISORDER.

Título resumido: Análise semântica e morfossintática em escolares com transtorno do espectro autista.

Fernanda Chaves Nobre¹, Mariana de Melo Rodrigues¹, Andressa Monteiro de Queiroz³
Letícia

Corrêa Celeste².

¹ Graduandas em Fonoaudiologia pela Universidade de Brasília.

² Docente do curso de Fonoaudiologia pela Universidade de Brasília.

³ Psicóloga pela Universidade Católica de Brasília – UCB, Mestre em Ciência da Reabilitação pela Universidade de Brasília - Faculdade de Ceilândia.

Estudo realizado no Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília – FCE/UnB – Ceilândia (DF), Brasil.

Endereço para correspondência:

Fernanda Chaves Nobre e Mariana de Melo Rodrigues

Campus Universitário – Centro Metropolitano, Ceilândia Sul. Brasília – DF. CEP 72220-275.

E-mail: fernandacnobre@gmail.com e melorodrigues06@gmail.com

Fonte financiadora: Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal – FAP-DF.

Autoria:

1- Concepção e delineamento do estudo: LCC 2- Coleta, análise e interpretação dos dados: FCN, LCC, MMR 3- Redação ou revisão do artigo de forma intelectualmente importante: FCN, LCC, MMR, AMQ

4- Aprovação final da versão a ser publicada: LCC

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| MÉTODOS..... | 14 |
| RESULTADOS..... | 17 |
| DISCUSSÃO | 22 |
| CONCLUSÃO | 26 |
| REFERÊNCIA..... | 27 |
| ANEXO A – PARECER DO CEP | 30 |
| ANEXO B - TCLE..... | 35 |
| ANEXO C - TALE | 36 |
| ANEXO D – NORMAS DA REVISTA Educação & Realidade | 38 |

INTRODUÇÃO

A comunicação humana é uma rede de informações as quais são transmitidas por meio de expressões faciais, postura corporal, gestos tanto motores quanto vocalizações e expressões emocionais (MEHRABIAN, 2017). Uma das formas pelas quais essas informações são transmitidas, de forma detalhada, é a linguagem (BONNE; PLANTE, 1994). Esta pode ser definida como um sistema simbólico usado para expressar ideias, sentimentos e mediar comportamentos. (BONNE; PLANTE, 1994). Ela depende de um bom desenvolvimento das estruturas cerebrais e desenvolvimento psicológico (SENO; GIACHETI; MORETTI-FERREIRA, 2014).

Pode-se separar a linguagem em duas grandes habilidades, a parte receptiva, referente à capacidade da criança de compreender e a parte expressiva, composta por sons, sinais ou símbolos, esta refere-se a expressão do significado, é a habilidade de se comunicar (BEE; BOYD, 2011).

Para entender como a comunicação global se desenvolve em crianças é fundamental conhecer a fundo todas as habilidades linguísticas envolvidas no processamento da linguagem. Essa pode ser dividida em três grandes partes: uso, forma e conteúdo (BLOOM E LAHEY, 1978; MENEZES, 2003).

A forma é representada pela fonologia, prosódia, morfologia e sintaxe (PETTER, 2016; COUPER-KUHLEN, 1986; MENEZES, 2003).

Já o conteúdo se dá por meio de um processo, onde crianças analisam enunciados, os dividem em palavras e são capazes de identificar o que o interlocutor quer dizer; compreendem o mundo como uma soma de processos, eventos, propriedades e objetos. A medida que se desenvolve, há o aumento da utilização do contexto linguístico para a aquisição de novas palavras (BLOOM, 2001).

O uso refere-se à pragmática, ou seja, a forma como a linguagem é utilizada no contexto social. Ele reúne todos os aspectos da linguagem - forma e conteúdo - nos variados contextos. Engloba tanto as intenções comunicativas quanto a escolha do código a ser usado (BLOOM; LAHEY, 1978).

Considerando os aspectos supracitados, o foco desta pesquisa está nas habilidades semânticas e morfossintáticas das linguagens expressiva e receptiva. A morfologia, foco do presente estudo, trata de normas que regem a organização interna das palavras, ou seja, como a própria palavra é definida na linguística “a forma das palavras” (PETTER, 2016). Esta

consiste de palavras e de morfemas da língua. Temos duas principais classes de palavras no léxico, as palavras de conteúdo e as funcionais (BLOOM; LAHEY, 1978).

As palavras de conteúdo, substantivos, verbos adjetivos, e advérbios, transmitem o significado em uma frase. As palavras que representam objetos são chamadas de substantivo, as que indicam relações, palavras relacionais. Já as palavras funcionais, preposições, artigos, conjunções e pronomes, estabelecem a união das estruturas da sentença. O seu significado é definido a depender das palavras de conteúdo que estão conectando (BLOOM; LAHEY, 1978).

Ainda como parte formal da linguagem, a sintaxe refere-se às regras que determinam a disposição das palavras, formando as sentenças de acordo com a relação de significado entre elas, a fim de transmitir e modificar os sentidos (BLOOM; LAHEY, 1978).

No que se refere às relações sintáticas entre as palavras, elas não seguem uma estrutura linear. Na verdade, há uma relação hierárquica entre elas dentro de uma frase (EVERAERT, 2015).

Por fim, quanto ao conteúdo, é a parte que estuda a semântica. Refere-se às representações mentais que a criança adquire do mundo, ao significado e abrange nossos conhecimentos sobre eventos, objetos, pessoas e suas relações. Este se desenvolve através das capacidades neurobiológicas em interação com experiências vividas (BLOOM; LAHEY, 1978).

Existem diferentes desordens e transtornos que envolvem dificuldades na aquisição, desenvolvimento e organização dos componentes linguísticos descritos até aqui. O desenvolvimento linguístico no autismo é amplamente variável, metade deles não desenvolvem linguagem funcional, em contrapartida, 25% apresentam normalidade nas habilidades linguísticas. Entretanto, um dos primeiros sinais de alerta observado pelos pais é, o atraso no desenvolvimento da comunicação e da linguagem (ZANON, 2014). Pesquisadores da área relatam ainda prejuízos discursivo e pragmáticos significativos (ZANON, 2014).

Em 1943, Leo Kanner descreveu em seu artigo, *Distúrbio Autístico do Contato Afetivo*, o caso de onze crianças que apresentaram “incapacidade de se relacionarem de maneira comum com pessoas e situações desde o começo de vida”, extremo isolamento e resistência em relação à quebra de rotina, tendendo à mesmice. Kanner denominou-as de autistas e notou que essas crianças apresentavam em comum movimentos estereotipados bem como prejuízos na comunicação – troca de preposições, inflexibilidade quanto ao uso de palavras e frases em diferentes contextos – e ecolalia (KANNER, 1943).

Ainda sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse é considerado uma alteração crônica do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação social (APA, 2014) e está relacionada a desordens multifatoriais do cérebro, ocasionando dificuldade do processamento das informações (SIQUEIRA et al., 2016; FERREIRA; OLIVEIRA, 2016). Em relação às manifestações, essas variam quanto ao grau de severidade de indivíduo para indivíduo, sendo caracterizado por manifestações comportamentais – padrões repetitivos e estereotipados, déficits na interação social e redução do contato visual e comunicativas (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004). No autismo, o indivíduo não possui representação do outro, por isso resiste a sua interação, quando esta acontece é “episódica, fugaz, descontextualizada, mínima, espasmódica, de nenhuma ou escassa representação imaginária e de nula extensão simbólica” (JERUSALINSKY, 2015).

Dentre as características relacionadas à comunicação ressaltam-se as perturbações na linguagem: o atrasado no desenvolvimento da fala, balbúcio limitado, déficits no engajamento social, déficits na compreensão e linguagem oral (ZANON; BACKES; BOSA, 2014).

As dificuldades relacionadas a tal atraso variam desde a ausência de fala, até dificuldades na aquisição do sistema linguístico e dos subsistemas linguísticos, já explicados anteriormente, fonologia, morfologia, sintático, semântico e pragmático (MARTINS, 2011; KHUANSUWAN; KUMMUANG, 2014).

Em um estudo por Rapina, Dunna (2003), elas avaliaram crianças pré-escolares com alteração no desenvolvimento da linguagem, incluindo indivíduos fora do espectro. Tal avaliação se deu a níveis de fonologia, gramática, semântica e pragmática. Em relação às crianças autistas, nenhuma delas possuía compreensão adequada além de alteração nas linguagens expressiva e receptiva, em que a fonologia e a sintaxe estão deficitárias. Contradizendo a ideia de que esses aspectos não estão alterados no autismo (RAPIN; DUNN, 2003).

A nível semântico, há falha ao interpretar palavras dentro de determinado contexto semântico, organização sintática de palavras ao invés de compreendê-las semanticamente e a não utilização da informação semântica como auxílio para codificação verbal e de sequências de palavras (MARTINS, 2011; KHUANSUWAN; KUMMUANG, 2014). Sintaticamente, os indivíduos podem apresentar uma fala sem coesão, tornando-a telegráfica. Geralmente, o domínio da flexibilidade e uso dos pronomes, verbos, adjetivos e conjunções, são inadequados, isso gera uma ininteligibilidade para o interlocutor, já que sob essas condições as frases são curtas e com a sintaxe alterada. Um exemplo é a dificuldade com relação ao pronome “eu”,

pois frequentemente as crianças com TEA referem-se a si mesmas em terceira pessoa do singular (RAPIN, 2005).

Crianças autistas podem expressar somente um jargão ininteligível, formado por disposição gramatical e fonológica em suas vocalizações de forma imatura, o comportamento repetitivo e estereotipado também se estende a linguagem, tornando-a muitas vezes metafórica, pode ocorrer alterações da prosódia e prejuízos na manutenção dos assuntos (WING, 1985).

Ademais eram considerados não-ensináveis, porém, estudos demonstraram que quando inseridos em condições educacionais e de treinamento adequados mostram-se responsivos e produtivos (GILLIAM, 1981; KOEGEL; RINCOVER, 1982). Atualmente esses indivíduos são acompanhados em sua maioria por escolas públicas, no entanto apesar do número crescente de inserção dessa população na rede pública, programas específicos de treinamento para professores se desenvolvem de maneira muito lenta (BRASIL, 2008).

Nas escolas públicas do Distrito Federal (DF), essas crianças, a resultar do delineamento de suas funções e comunicação, podem entrar em um currículo acadêmico do ciclo pertinente ou receber um planejamento de desenvolvimento individual anual, mas todas recebem educação especial, garantida aos estudantes com deficiências, Transtorno Global do Desenvolvimento/Transtorno do Espectro Autista e Altas Habilidades/Superdotação (TINÉ, 2018).

A política de educação especial, fundamenta-se em três eixos: institucionalização, financiamento (adaptações do espaço físico, materiais, mobiliário, equipamentos e sistemas de comunicação alternativa) e orientações das práticas pedagógicas. A fim de organizar o terceiro eixo, há o currículo escolar, sendo esse um instrumento indispensável no bom desempenho da aprendizagem inclusiva. O currículo deve direcionar as práticas às necessidades particulares do estudante dentro do ambiente que o mesmo está inserido. O termo necessidades especiais ultrapassa os limites de deficiência ou altas capacidades e está muito mais relacionado ao modo particular do estudante de ser e estar presente no contexto escolar (TINÉ, 2018).

A educação especial pode ser dividida em formas de atendimentos, onde a turma na qual esses estudantes podem ser inseridos podem ser a classe comum inclusiva em que são oferecidas atividades de Atendimento Educacional Especializado em Sala de Recurso Específicas (SRE), no contraturno. A integração inversa, EJA interventiva e classe especial. Nesta última, o estudante deverá desenvolver atividades em conjunto com os outros estudantes da classe comum (TINÉ, 2018).

É importante ressaltar que o atendimento aos alunos autistas segue procedimentos e programas específicos, considerando seu grau de dificuldade, as ferramentas utilizadas são: comunicação aumentativa e alternativa (CAA), integração social, método de *Treatment and Education of Artística and related Communication-handicapped Children* (TEACCH), método de *Applied Behavior Analysis* (ABA), instrumentos de avaliação, como o Portage e sala de aula com rotina estruturada. Resultados efetivos dependem de uma avaliação adequada para implementação de estratégias criativas e adequadas à evidências científicas. Assim, a presença de uma equipe capacitada em avaliar e direcionar as adaptações, segundo suas áreas de conhecimento, possibilita aos estudantes o acesso à educação com qualidade e equidade.

Tendo em vista que a fonoaudiologia é a ciência responsável pela intervenção nos distúrbios de comunicação (MOREIRA, 2009) e que as crianças autistas apresentam um déficit significativo nesta área (APA, 2014), é necessário intervir de forma destinada a promover o desenvolvimento da comunicação, observando especialmente os desafios e estratégias para obter um bom desempenho comunicativo. Compreendendo as habilidades linguísticas que essas crianças possuem e as quais devem adquirir, torna-se possível traçar um planejamento escolar que contenha estímulos adequados ao seu nível de desenvolvimento linguístico. Promovendo assim, melhores condições de aprendizagem.

Desse modo, o objetivo deste estudo é analisar o desempenho em linguagem de crianças com TEA da educação infantil e do ensino fundamental 1 do Distrito Federal considerando os aspectos semânticos e morfossintáticos da linguagem receptiva e expressiva.

MÉTODOS

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília, com número de parecer 2.499.005.

Realizou-se contato com as escolas da rede pública de Samambaia - Distrito Federal a fim de agendar encontros para esclarecimento acerca dos objetivos propostos neste estudo. Após contato e autorização das escolas, todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). A amostra foi composta por 11 estudantes, sendo 10 do sexo masculino e 1 do sexo feminino. Todos os alunos frequentavam as escolas públicas do Distrito Federal.

Os critérios de inclusão foram possuir hipótese diagnóstica ou diagnóstico de TEA; estar classificado como Transtorno Global do Desenvolvimento na rede pública de ensino e em processo de inclusão. Não entraram na pesquisa os escolares que não concluíram as avaliações fonoaudiológicas.

Para avaliação fonoaudiológica dos aspectos semânticos e morfossintáticos foi utilizado o protocolo de Avaliação do Desenvolvimento da Linguagem (ADL). A aplicação se deu de forma individual, por membros participantes da pesquisa, em uma sala de aula separada, em horário escolar da criança, com cadeira e mesa apropriadas para a sua faixa etária.

Além do ADL utilizou-se o instrumento de avaliação Inventário Portage Operacionalizado (IPO) – Portage, elaborado por Bluma, Shearer, Frohman e Hilliard em 1976.

Tendo em vista que a aplicação é realizada pelos educadores no início e final do ano letivo, a fim de acompanhar o desenvolvimento do escolar, os dados do IPO foram extraídos por meio de consulta aos documentos da escola.

Após a aplicação e resgate de informações, foram realizadas as análises e detalhamento de atividades de ambos os instrumentos, levando em consideração os aspectos expressivos e receptivos de semântica e morfossintaxe da linguagem, separadamente.

Cada tarefa dos testes foi classificada correlacionando as habilidades avaliadas em cada uma delas e a teoria linguística seguida neste trabalho. Cada um dos itens foi avaliado por duas pesquisadoras e, para todos, também foi realizada uma reunião com toda equipe para consenso.

Para análise de dados foram consideradas como variáveis semânticas: da semântica, foram consideradas as três categorias básicas que o compõem, a saber: conhecimento do objeto, relação entre objetos e relações entre eventos. A primeira categoria, conhecimento do objeto, é subdividida em objetos particulares - aqueles que possuem significado único - e classe de objetos - que são objetos comuns -; a segunda categoria, relação entre objetos, é classificada

em objeto reflexivo, que se dá por meio da representação da imagem na mente, tal representação pode vir a ser de existência, desaparecimento ou repetição. Intra-classe e inter-classe também compõem a relação entre objetos, sendo a primeira os objetos pertencentes à mesma classe, distinguidos por propriedade e quantidade e a segunda composta da relação entre objetos de classes distintas que abrangem ação, localização e posse de objetos; a terceira e última classe integrante do conteúdo que foi analisada foram as relações entre eventos, classificados em inter-eventos - como eles relacionam-se entre si, sendo subclassificado em temporalidade e causalidade - e intra-eventos, um evento que pode acontecer por si mesmo em função do tempo, humor e epistêmico (BLOOM, 1980).

A estrutura morfológica é composta de palavras e de inflexões. As inflexões são as menores estruturas presentes na língua, os morfemas. Já as palavras foram classificadas em palavras de conteúdo e palavras funcionais. As de conteúdo - verbo, adjetivo, advérbio e substantivo - transmitem significado dentro da frase. As palavras funcionais - preposição, conjunção, verbo auxiliar, artigo e pronomes - conectam os termos para que a estrutura das sentenças seja mantida (BLOOM, 1980).

Quando as palavras funcionais estabelecem relação entre si e com as inflexões, tem-se a sintaxe. Tais relações sintáticas foram divididas em hierárquicas e lineares. As hierárquicas se caracterizam por produzirem significados distintos das palavras em sentenças e fora delas. As relações lineares têm como aspecto o fato de serem cumulativas, limitando-se ao significado de cada palavra de forma individual (BLOOM, 1980).

Os dados coletados referentes aos aspectos supracitados foram tabulados e analisados em Excel.

Para analisar a relação da idade cronológica com as taxas de falha da linguagem expressiva e receptiva foi proposto um modelo linear generalizado com distribuição Binomial com função de ligação identidade. Tal modelo foi escolhido devido a natureza das variáveis de desfecho, número de eventos (falha) em um total de ensaios (questões). A classe de modelos lineares generalizados é uma extensão do modelo linear tradicional o qual permite que a média populacional seja dependente de um preditor linear através de uma função de ligação não linear e permite que a distribuição de probabilidade da variável resposta seja qualquer membro da família exponencial (Distribuição Normal, Binomial, Poisson e Gama) (McCULLAGH, 1989).

A fim de relacionar as taxas de falha das linguagens expressiva e receptiva, foi proposto o coeficiente de correlação de *Spearman* (ρ), que quantifica esta relação. Este coeficiente varia entre os valores -1 e 1. O valor 0 (zero) significa que não há relação, o valor 1 indica uma

relação perfeita e o valor -1 também indica uma relação perfeita, mas inversa, ou seja, quando uma das variáveis aumenta a outra diminui. Quanto mais próximo estiver de 1 ou -1, mais forte é esta relação entre as duas variáveis.

As comparações entre as idades cronológicas e as idades ADL foram feitas através do teste t-*Student* pareado. Para todas as comparações adotou-se um nível de significância de 5%.

RESULTADOS

Para análise dos testes utilizados nesta pesquisa, cada item foi classificado conforme variáveis descritas nos métodos e resumidos nos quadros de 1 a 6, seguindo a ordem: classificação semântica considerando o conhecimento do objeto, classificação semântica considerando a relação entre objetos, classificação semântica considerando a relação entre eventos, classificação sintática considerando os aspectos fonológicos, classificação sintática considerando os aspectos morfológicos, classificação sintática considerando a ordem das palavras

Quadro 1 – Classificação Semântica considerando o Conhecimento do Objeto.

| CONHECIMENTO DO OBJETO | | |
|-----------------------------|--|---|
| RECEPTIVA | | EXPRESSIVA |
| OBJETOS PARTICULARES | | 2, 6, 8, 13 (a, c) |
| CLASSES DE OBJETOS | 2 (a, b, c), 3 (a, b, c, d), 4 (a, b), 6 (a, b, c, d, e, f), 7 (a, b, c, d, e, f, g), 16 (a, b, c, d, e, f), 19 (a, b, c), 20 (a, b, c, d, e, f, g), 23 (a, b, c, d, e, f) | 5 (a, b, c, d), 11 (a, b, c, d, e, f), 13 (b), 14 (a, b, c, d, e, f, g), 23 (a, b, c, d, e, f, g, h), 27 (a, b, c), 34 (a, b) |
| CORES | 28 (a, b, c, d, e, f) | 29 (a, b, c, d, e, f) |

Quadro 2 – Classificação Semântica considerando a Relação entre Objetos.

| RELAÇÃO ENTRE OBJETOS | | |
|----------------------------|--|---|
| RECEPTIVA | | EXPRESSIVA |
| OBJETO REFLEXIVO | | |
| I. Existência | 1 (a, b) | 17 (a, b, c, d) |
| II. Desaparecimento | | |
| III. Repetição | | |
| INTRA CLASSE | | |
| I. Propriedade | 14 (a, b, c, d, e), 17 (a, b, c), 21 (a, b, c, d), 27 (a, b, c), 29 (a, b, c), 31 (a, b), 35 (a, b, c, d), 38 (a, b) | 18 (a, b, c), 20 (a, b, c, d, e, f), 22 (a, b, d), 27 (a, b, c), 37 (a, b, c), 38 (a, b, c) |
| II. Quantidade | 11 (b, c), 34 (a, b) | 33 (a, b) |

| | | |
|----------------------------|---|---|
| a) Numeral Ordinal | 11 (a), 32 (a, b) | |
| a) Numeral Cardinal | | |
| INTER CLASSE | | |
| I. Ação | 12 (a, b, c), 24 (a, b, c) | 12 (a, b, c), 19 (a, b, c), 20 (a, b, c, d, e, f) |
| II. Localização | 5 (a, b, c), 9 (a, b, c), 25(a, b, c, d), 39 (a, b, c) | 25 (a, b, c, d) |
| III. Posse | 10 (a, c), 15 (a, b, c, d), 18 (a, b, c) | 7, 15 (a, b) |

Quadro 3 – Classificação Semântica considerando a Relação entre Eventos.

| | | |
|-----------------------------------|---|---|
| RELAÇÃO ENTRE EVENTOS | | |
| RECEPTIVA | | EXPRESSIVA |
| INTER EVENTO | | |
| I. Temporalidade | 36 (a, b), 40 (a, c) | |
| II. Causalidade | 8 (a, b, c), 22 (a, b, c), 37 (a, b, c) | 21 (a, b, c) |
| III. Raciocínio matemático | | |
| INTRA EVENTO | | |
| I. Tempo | 26 (a, b) | |
| II. Humor | | 28 (a, b) |
| III. Epistêmico | | 31, 32 (a, b, c), 35 (a, b), 38 (a, b, c) |

Quadro 4 – Classificação Sintática considerando os aspectos Fonológicos.

| | | |
|-------------------------|--|-------------------|
| FONOLOGIA | | |
| RECEPTIVA | | EXPRESSIVA |
| SEGMENTAL | | |
| I. Fonemas | | |
| II. Sílabas | | 1 |
| III. Onomatopeia | | |
| SUPRA-SEGMENTAL | | |
| I. Entonação | | 9 |
| II. Prosódia | | |
| III. Pausa | | |

Quadro 5 – Classificação Sintática considerando os aspectos Morfológicos.

| MORFOLOGIA | | |
|----------------------------------|--|---------------------------------------|
| RECEPTIVA | | EXPRESSIVA |
| PALAVRAS DE CONTEÚDO | | |
| I. Verbo | 2 (a, b, c), 5 (a, b, c), 13 (a, b, c, d, e) | |
| II. Adjetivo | 14 (a, b, c, d, e), 17 (a, b, c), 29 (a, b, c), 35 (a, b, c, d), 38 (a, b) | 28 (a, b), 37 (a, b, c), 38 (a, b, c) |
| III. Advérbio | 18 (a, b), 39 (a, b, c) | |
| IV. Substantivo | | |
| PALAVRAS FUNCIONAIS | | |
| I. Pronomes | 8 (a, b, c), 10 (a, b, c, d), 13 (a, b, c, d, e), 24 (a, b, c) | 15 (a, b), 16 (a, b, c) |
| II. Preposições | | |
| III. Conjunções | 21 (a, b, c, d), 22 (a, b, c), 27 (a, b, c), 31 (a, b) | |
| IV. Verbo auxiliar | | |
| V. Artigo | | |
| VI. Gênero | | |
| INFLEXÕES | | |
| I. Sufixos verbais | | |
| II. Sufixos nominais | 30 (a, b, c) | 13 (b), 24 (a, b, c) |
| III. Sufixos de adjetivos | | |

Quadro 6 – Classificação Sintática considerando a Ordem das Palavras

| ORDEM DAS PALAVRAS | |
|-------------------------|--------------|
| RECEPTIVA | EXPRESSIVA |
| ESTRUTURAS LINEARES | |
| | 10 |
| ESTRUTURAS HIERÁRQUICAS | |
| | 30 (a, b, c) |
| VOZ PASSIVA | |
| 33 (a, b) | |
| MODIFICADOR | |
| | 39 (a, b, c) |

Com uma amostra de 11 crianças (n=11) a média das idades cronológicas foi de 8,68 anos. Nas idades expressiva e receptiva essa média foi de 3,55 e 3,41 anos, respectivamente, como mostra a Tabela 1. O desvio padrão para todas as idades foi de 2,9 anos. (Tabela 1). A diferença entre a idades cronológica e a idade expressiva da ADL é de 5,32 anos e entre a cronológica e a receptiva da ADL é de 5,27 anos. (Tabela 2).

Tabela 1 – Idade cronológica e idade de linguagem

| Variáveis | n | Média | Desvio Padrão | Mínimo | Mediana | Máximo |
|-------------------|----|-------|---------------|--------|---------|--------|
| Idade cronológica | 11 | 8,68 | 2,90 | 4,92 | 9,00 | 14,50 |
| ADL EXP | 10 | 3,55 | 2,65 | 1,00 | 2,92 | 6,92 |
| ADL REC | 11 | 3,41 | 2,70 | 1,00 | 2,92 | 6,92 |

Tabela 2 – Comparação entre idade cronológica e ADL

| Comparação | Diferença estimada* | Intervalo de confiança (95%) | Valor-p |
|------------------------------------|---------------------|------------------------------|---------|
| Idade cronológica - ADL expressiva | 5,32 | 3,2 2 | 7,41 |
| Idade cronológica - ADL receptiva | 5,27 | 3,4 7 | 7,07 |

* Teste t-Student pareado

Segundo resultados de taxa de falha, considerando sempre o aumento da idade cronológica em 1 ano, a chance de erros é reduzida, aumentando assim a idade em linguagem,

tanto para receptiva quanto para expressiva, porém em maior grau na primeira. As Tabelas 3 e 4 mostram que houve diminuição da taxa falha em 7,97 e 7,33 pontos, respectivamente.

Tratando-se de linguagem expressiva, os resultados semânticos foram melhores do que os sintáticos, com taxa falha diminuindo em 7,64 e 7,19 pontos. (Tabela 4).

A relação entre objetos foi a categoria que mais demonstrou ganhos com o passar da idade cronológica, seguida por relação entre eventos e conhecimento do objeto, com diminuição de taxa falha em 8,20, 7,40 e 7,25 pontos. Morfologicamente a chance de erros diminui em 8,81, enquanto fonologicamente esse número cai para 3,23 ao avanço da idade, sendo estaticamente insignificante p valor igual a 0,44. (Tabela 4).

A linguagem receptiva obteve resultados inversos quando se compara nível semântico e sintático de linguagem, onde o último é o maior beneficiado com o passar da idade cronológica, reduzindo sua taxa falha em 8,23 pontos, contra 7,78 em semântica. (Tabela 3) Conhecimento do objeto foi a categoria que mais percebeu-se diminuição de erros, seguida de relação entre objetos e relação entre eventos, onde os pontos respectivos foram: 8,33; 8,20 e 6,65, como mostra a Tabela 3. Morfologicamente o aumento da idade reduz a taxa falha em 8,09 pontos. (Tabela 3).

Tabela 3 – Relação entre idade cronológica e linguagem receptiva

| Aspectos | Estimativa* | Intervalo de confiança (95%) | | Valor-p |
|------------------------------------|-------------|------------------------------|-------|---------|
| Geral (receptiva) | -7,97 | -9,03 | -6,92 | <0,01 |
| Semântica (receptiva) | -7,78 | -8,91 | -6,65 | <0,01 |
| Sintática (receptiva) | -8,23 | -9,68 | -6,77 | <0,01 |
| Conhecimento do objeto (receptiva) | -8,32 | -11,68 | -4,96 | <0,01 |
| Relação entre objetos (receptiva) | -8,2 | -9,59 | -6,81 | <0,01 |
| Relação entre eventos (receptiva) | -6,65 | -9,74 | -3,56 | <0,01 |
| Morfologia (receptiva) | -8,09 | -9,63 | -6,56 | <0,01 |

* Modelo linear generalizado com distribuição binomial com função de ligação identidade.

Tabela 4 – Relação entre idade cronológica e linguagem expressiva

| Aspectos | Estimativa* | Intervalo de confiança (95%) | | Valor-p |
|-------------------------------------|-------------|------------------------------|-------|---------|
| Geral (expressiva) | -7,33 | -8,49 | -6,16 | <0,01 |
| Semântica (expressiva) | -7,64 | -8,97 | -6,32 | <0,01 |
| Sintática (expressiva) | -7,19 | -9,38 | -5 | <0,01 |
| Conhecimento do objeto (expressiva) | -7,25 | -9,44 | -5,05 | <0,01 |
| Relação entre objetos (expressiva) | -8,20 | -9,90 | -6,50 | <0,01 |
| Relação entre eventos (expressiva) | -7,49 | -12,45 | -2,53 | <0,01 |
| Fonologia (expressiva) | -3,23 | -11,51 | 5,04 | 0,44 |
| Morfologia (expressiva) | -8,81 | -12,6 | -5,03 | <0,01 |
| Sintaxe (expressiva) | -6,89 | -11,25 | -2,52 | <0,01 |

* Modelo linear generalizado com distribuição binomial com função de ligação identidade.

Pode-se observar que todas as variáveis se correlacionam, ou seja, se a receptiva aumenta conseqüentemente, a expressiva também apresenta esse aumento (tabela 5).

Tabela 5 – Correlação entre linguagem expressiva e receptiva

| | Geral (receptiva) | Semântica (receptiva) | Sintática (receptiva) | Conhecimento do objeto (receptiva) | Relação entre objetos (receptiva) | Relação entre eventos (receptiva) | Morfologia (receptiva) |
|--|------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|---|--|--|-----------------------------------|
| Geral (expressiva) | 0,9 (<0,01) | 0,9 (<0,01) | 0,89 (<0,01) | 0,86 (<0,01) | 0,94 (<0,01) | 0,86 (<0,01) | 0,89 (<0,01) |
| Semântica (expressiva) | 0,9 (<0,01) | 0,9 (<0,01) | 0,89 (<0,01) | 0,86 (<0,01) | 0,94 (<0,01) | 0,86 (<0,01) | 0,89 (<0,01) |
| Sintática (expressiva) | 0,86 (<0,01) | 0,86 (<0,01) | 0,86 (<0,01) | 0,86 (<0,01) | 0,87 (<0,01) | 0,88 (<0,01) | 0,86 (<0,01) |
| Conhecimento do objeto (expressiva) | 0,89 (<0,01) | 0,89 (<0,01) | 0,89 (<0,01) | 0,86 (<0,01) | 0,94 (<0,01) | 0,85 (<0,01) | 0,89 (<0,01) |
| Relação entre objetos (expressiva) | 0,96 (<0,01) | 0,96 (<0,01) | 0,95 (<0,01) | 0,94 (<0,01) | 0,95 (<0,01) | 0,95 (<0,01) | 0,95 (<0,01) |
| Relação entre eventos (expressiva) | 0,87 (<0,01) | 0,87 (<0,01) | 0,85 (<0,01) | 0,84 (<0,01) | 0,86 (<0,01) | 0,89 (<0,01) | 0,85 (<0,01) |
| Fonologia (expressiva) | 0,76 (<0,01) | 0,76 (<0,01) | 0,78 (<0,01) | 0,8 (<0,01) | 0,79 (<0,01) | 0,77 (<0,01) | 0,78 (<0,01) |
| Morfologia (expressiva) | 0,92 (<0,01) | 0,92 (<0,01) | 0,91 (<0,01) | 0,9 (<0,01) | 0,92 (<0,01) | 0,91 (<0,01) | 0,91 (<0,01) |
| Sintaxe (expressiva) | 0,95 (<0,01) | 0,95 (<0,01) | 0,95 (<0,01) | 0,94 (<0,01) | 0,95 (<0,01) | 0,94 (<0,01) | 0,95 (<0,01) |

*Coeficiente de Spearman ρ (valor-p)

DISCUSSÃO

Tendo em vista os objetivos aqui traçados, a saber: de analisar o desempenho da linguagem em crianças com TEA considerando os aspectos semânticos e morfossintáticos da linguagem receptiva e expressiva, além de verificar se a Avaliação de Desenvolvimento da Linguagem (ADL) é um instrumento possível de ser utilizado em escolas para auxiliar os professores, foi possível observar uma defasagem importante entre idade cronológica e idade de linguagem.

O estado inicial do desenvolvimento da linguagem é determinado pela dotação genética, que parece ser quase uniforme para a espécie (CHOMSKY, 2005) com um curso relativamente semelhante em todas as crianças (EIGSTI *et al*, 2011), ou seja, sistema biológico moldado por experiência no ambiente externo e restrições internas do indivíduo (CHOMSKY, 2005). No entanto, é possível observar em alguns indivíduos a presença de atrasos ou déficits no desenvolvimento da linguagem (EIGSTI, *et al.*, 2011; KEINO, *et al.* 2009; CARR; FELCE, 2006), afastando a idade cronológica da idade de desenvolvimento da linguagem como encontramos em nosso estudo.

É importante destacar que os resultados obtidos no presente estudo referem-se a aspectos exclusivamente relacionados às habilidades de conteúdo e forma. Tais aspectos não são comuns em estudos de linguagem em autistas que tendem a explorar o uso da linguagem (MARTINS, 2011; KHUANSUWAN; KUMMUANG, 2014; RAPIN, 2005; ZANON, 2014).

Baseado na carência de estudo acerca do conteúdo e forma da linguagem em crianças com TEA e a partir da análise dos resultados obtidos em nosso estudo, levantamos as seguintes hipóteses: a primeira é a de que há dificuldade em ultrapassar os limites provenientes da falta de interação com o outro, alguns desses limites são a falta de intenção comunicativa e a diminuição de chances de colocar a linguagem em uso, sendo assim a pragmática dessas crianças é diretamente afetada, como visto em Miilher, (2009). A separação entre semântica, sintaxe e pragmática é algo complexo, isso reflete na dificuldade em avaliar forma e conteúdo, visto que o primeiro passo de expressar a linguagem apresenta-se dificultoso (MIILHER, 2009). Julga-se então, que as questões de interação levam à problemas de pragmática, e conseqüentemente culminam em alterações gramaticais, morfossintáticas e semânticas.

Essa hipótese se fundamenta em estudos realizados por Gopnik e Wellman (2012), onde os resultados demonstram que as crianças aprendem novas estruturas a partir de padrões de probabilidade, através da detecção de padrões estatísticos. As crianças aprendem sobre a estrutura causal tanto através de suas próprias intervenções no mundo, como através da

observação das intervenções de outros. Para que isso ocorra elas devem testar suas hipóteses, quando uma hipótese possui muitas evidências ao seu favor, elas são cada vez mais propensas a aceitá-la e quando não, essa hipótese inicialmente provável pode ser derrubada. Através da testagem de hipóteses, as crianças constroem suas teorias e conceitos acerca dos fatos.

O caminho para novos aprendizados depende, portanto, de uma série de interações e testagens entre o aprendiz, o ambiente e outras pessoas. Esse processo é comprometido em crianças com TEA.

A segunda hipótese para que tenhamos encontrado tal defasagem entre idade cronológica e idade de desenvolvimento baseia-se no fato de que, em crianças com TEA, há falhas a níveis semântico, sintático, morfossintático, fonológico e pragmático (MARTINS, 2011; KHUANSUWAN; KUMMUANG, 2014, RAPIN, 2005; WING, 1985). Essas falhas não são registradas porque os estudos sobre a linguagem das crianças com TEA levam em consideração os aspectos pragmáticos para justificar os atrasos nas outras habilidades linguísticas.

No presente estudo foram encontrados resultados os quais demonstram que o aumento da linguagem expressiva acontece na mesma proporção que o aumento da linguagem receptiva. Não sendo encontrado melhor desempenho em uma em detrimento da outra, as crianças apresentaram desempenho similar nas duas como demonstrado na tabela 5. Contrapondo ao estudo que mostra a expressão verbal mais avançada que a compreensão em crianças autistas (JARROLD; BOUCHER; RUSSELL, 1997).

Desse modo, pode-se dizer que os resultados aqui obtidos foram diferentes do estudo citado anteriormente tendo em vista que o N amostral foi superior ao nosso, bem como as idades, as quais variaram de 5 anos em 6 meses a 19 anos e 7 meses, e a população do estudo supracitado se difere do presente estudo.

Encontramos resultados os quais demonstram que a idade cronológica mais avançada está associada a um melhor desempenho de linguagem como mostram as tabelas 3 e 4. Sabe-se que as crianças estudadas estão dentro do período crítico de desenvolvimento de linguagem, o que propicia melhorias na evolução do domínio linguístico ao avançar a faixa etária cronológica (FRIEDMANN; RUSOU, 2015).

O desenvolvimento da linguagem pode ser separado em etapas e inicia-se já em bebês de 0 a 3 meses, com discriminação de vozes e expressão do choro por exemplo (PRATES; MARTINS, 2011). A nível semântico-lexical, aos 12 meses há o início da associação dos sons a seus respectivos significados (TONIETTO, 2007). No que se refere ao vocabulário, este

aumentou de maneira gradual com flexões de plural, gênero, bem como o uso de artigos e pronomes (HUTTENLOCHER *et al.*, 2007). Esse desenvolvimento linguístico se estende a aspectos morfossintáticos em que aos 3 anos de idade a criança já é capaz de produzir frases com estruturas básicas, aos 6/7 anos possui certo domínio das estruturas sintáticas.

Dessa forma, em crianças típicas espera-se que com o passar da idade cronológica haja um desenvolvimento conjunto das habilidades de linguagem, o mesmo foi encontrado em crianças autistas inclusas como mostram os nossos resultados.

Os resultados apresentados neste estudo sugerem que o uso de um instrumento de avaliação de linguagem em escolas pode beneficiar o planejamento do professor com relação às questões linguísticas de seus alunos. Ao abandonar propostas educacionais delineadas a partir de suposições, a prática de intervenção escolar de maneira específica baseada em resultados de um teste validado, torna viável ganhos comunicativos importantes para as crianças.

As alterações pragmáticas presentes na condição de sujeitos autistas é o alvo principal para possibilitar o desenvolvimento posterior da semântica e sintaxe. Aumentar o interesse em se comunicar e colocar a linguagem em uso viabiliza a construção de evidências acerca desse domínio. A hipótese levantada deve ser posta em teste, para verificação de sua veracidade. O estudo mostra que é possível avaliar aspectos semânticos e morfossintáticos em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista.

A interpretação dos resultados deve ser realizada levando em consideração algumas limitações: uma vez que não há instrumentos que avaliem os aspectos semânticos e morfossintáticos foi utilizado a ADL, esta não foi construída e pensada para crianças com autismo. Há indicação que a aplicação do instrumento seja realizada em ambiente silencioso porém esta se deu em ambiente escolar logo, houve presença de ruídos externos. Além disso a amostra tem um número reduzido de indivíduos, não sendo possível generalização.

CONCLUSÃO

Os resultados apresentados neste estudo sugerem que existe uma defasagem importante entre idade cronológica e idade de linguagem nas crianças estudadas. Podemos também encontrar que o aumento da linguagem expressiva se dá na mesma proporção que o aumento da linguagem receptiva. As crianças apresentaram desempenho similar em ambas as linguagens receptiva e expressiva, não sendo encontrado melhor desempenho em uma em detrimento da outra. Além disso os resultados sugerem que crianças mais velhas tendem a ter um desempenho linguístico maior do que as crianças mais novas, sendo assim, podemos observar que o desenvolvimento de crianças autistas se assemelha ao das crianças típicas. Por fim, propõe-se que o uso de um instrumento de avaliação de linguagem, como o utilizado neste estudo pode beneficiar o planejamento do professor com relação às questões linguísticas de seus alunos.

REFERÊNCIA

- 5th. Edition (DSM-5). Washington, DC.: American Psychiatric Association; 2014. p. 91-99. American Psychiatric Association. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**,
- BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em Desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BLOOM, Lois. LAHEY, Margat. **Language Development and Language Disorders**. New York: John Wiley & Sons, 1978. 689 p.
- BLOOM, Louis. Language development, language disorders, and learning disabilities: LD3. **Bulletin of the Orton Society**, v. 30, p.115-133, jun. 1980.
- BLOOM, Paul. Précis of How children learn the meanings of words. **Behavioral and brain Sciences**, v. 24, n. 6, p. 1095-1103, dez. 2001.
- BOONE, Daniel R; PLANTE, Elena. A linguagem da Comunicação. In: BOONE, Daniel R.; PLANTE. (Ed.). **Comunicação humana e seus distúrbios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 83-107.
- BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008.
- CARR, Deborah; FELCE, Janet. The effects of PECS teaching to Phase III on the communicative interactions between children with autism and their teachers. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 37, n. 4, p. 724-737, abr. 2007.
- CHOMSKY, Noam. Three factors in language design. **Linguistic Inquiry**, v. 36, n. 1, p. 1-22, mar. 2005.
- COUPER-KUHLEN, Elizabeth. **An Introduction to English prosody**. Baltimore: Edward Arnold, 1986. 239p.
- EVERAERT, Martin BH et al. Structures, not strings: linguistics as part of the cognitive sciences. **Trends in cognitive sciences**, v. 19, n. 12, p. 729-743, nov. 2015.
- FERREIRA, Xavier; DE OLIVEIRA, Guiomar. Autism and Early Neurodevelopmental Milestones. **Acta médica portuguesa**, v. 29, n. 3, p. 168-175, mar. 2016.
- FRIEDMANN, Naama; RUSOU, Dana. Critical period for first language: the crucial role of language input during the first year of life. **Current Opinion in Neurobiology**, v. 35, p. 27-34, jun. 2015.
- GADIA, Carlos; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **J. Pediatr**, Porto Alegre, v. 80, n. 2, p. 83-94, apr. 2004.
- GILLIAM, James. **Autism: diagnosis, instruction, management, and research**. Springfield, IL: Charles Thomas, 1981.

GOPNIK, Alison; WELLMAN, Henry. Reconstruindo o construtivismo: modelos causais, mecanismos de aprendizagem bayesiana e teoria da teoria. **Boletim psicológico**, v. 138, n. 6, p. 1085, 2012.

HUTTENLOCHER, Janelle, *et al.* The varieties of speech to young children. **Developmental Psychology**, v. 43, N, 5, p. 1062-1083, set. 2007.

JARROLD, Christopher; BOUCHER, Jill; RUSSELL, James. Language Profiles in Children with Autism: Theoretical and Methodological Implications. **The National Autistic Society**, v. 1, n. 1, p. 57-76, jul. 1997.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Dossiê autismo**. São Paulo: Instituto Language, 2015.

KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous child**, v. 2, n. 3, p. 217-250, jun. 1943.

KEINO, Hiromi *et al.* Equitação psicopedagógica para facilitar a capacidade de comunicação de crianças com distúrbios invasivos do desenvolvimento. **Journal of equine science**, v. 20, n. 4, p. 79-88, 2009.

KHUANSUWAN, Issaree; KUMMUANG, **Prapussorn**. Effectiveness of the Picture Exchange Communication System (PECS) in school aged children and adolescents with autism in Child Psychiatric Ward Maharaj Nakorn Chiang Mai Hospital. **International Journal of Child Development and Mental Health**, v. 2, n. 1, p. 30-39, jan. 2014.

KOEGEL, Robert; RINCOVER, Arnold; EGEL, Andrew. **Educating and understanding autistic children**. San Diego: College- HI, 1982.

MARTINS, Ana; **Avaliação dos Distúrbios da Linguagem no Autismo Infantil**. Portugal: UBI, 2011. 60p. Dissertação (Mestrado em Medicina) - Universidade da Beira Interior Faculdade de Ciências da Saúde Covilhã, Portugal. 2011.

McCULLAGH, Peter; NELDER, John. **Generalized Linear Models**, London: Chapman and Hall. Second Edition. 1989.

MEHRABIAN, Albert. A Semantic Space For Nonverbal Behavior. In: MEHRABIAN, Albert. **Nonverbal communication**. New York: Routledge, 2017. p. 1-16.

MENEZES, Maria Lúcia. ADL: **Avaliação do desenvolvimento da linguagem**. São Paulo: Pró-Fono, 2003.

MILHER, Liliane. **Linguagem nos transtornos do espectro autístico: relações entre uso, forma e conteúdo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009. 87p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MOREIRA, Mirna; MOTA, Helena. Os caminhos da fonoaudiologia no Sistema Único de Saúde - SUS. **Rev. CEFAC**, v. 11, n. 3, p. 516-521, jul/set, 2009.

MYLES, B.C; ORMSBEE, C.K; SIMPSON, R.L. **Autism and Stress: An Individualized Intervention Plan for Teachers**. Focus on Autism and Other, vol 6, n. 3, p. 8-16, ago. 1991.

PETTER, Margarida. Morfologia. In: FIORIN, José Luiz *et al.* (Org.). **Introdução à linguística II: Princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 59-76.

PRATES, Letícia; MARTINS, Vanessa. Distúrbios da fala e da linguagem na infância. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 21, n. 4, p. 54-60. 2011.

RAPIN, Isabelle; DUNN, Michelle. Update on the language disorders of individuals on the autistic spectrum. **Brain and development**, v. 25, n. 3, p. 166-172, abr, 2003.

RAPIN, Isabelle. Distúrbios da comunicação no autismo infantil. In: MULLER, Claude; NARBONA, Juan. **A linguagem da criança pequena: aspectos normais e patológicos**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SENO, Marília; GIACHETI, Célia; MORETTI-FERREIRA, Danilo. Linguagem narrativa e fluência na síndrome de down: uma revisão. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 16, n. 4, p.1311-1317, ago. 2014.

SIQUEIRA, Carolina *et al.* O Cérebro Autista: A Biologia Da Mente E Sua Implicação No Comprometimento Social. **Revista Transformar**, v. 8, n. 8, p. 221-237, 2016.

TONIETTO, Lauren *et al.* Aquisição inicial do léxico verbal e aproximações semânticas em português. **Psicol. Reflex. Crit**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 114-123. 2007.

TINÉ, Sandra. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Educação Especial**. Distrito Federal: Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal, 2018. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/curriculo-em-movimento-da-educacao-basica-2/>.

WING, Lorna. **Crianças a parte: o autista e a sua família**. Autismo na década de 80. São Paulo: Savier, 1985.

ZANON, Regina; BACKES, Bárbara; BOSA, Cleonice. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 25-33, mar. 2014.

ANEXO A – PARECER DO CEP

UNB - FACULDADE DE
CEILÂNDIA DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Perfil educacional e funcional de estudantes da Educação Especial da Região Administrativa de Samambaia e construção de indicadores para o monitoramento da aprendizagem

Pesquisador: Vanessa de Oliveira Martins Reis

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 79929517.5.0000.8093

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.499.005

Apresentação do Projeto:

Serão realizados dois estudos. O estudo 1 (Avaliação do uso da fluência de leitura como indicador de qualidade da aprendizagem de crianças em processo de inclusão) é do tipo não experimental longitudinal que tem por objetivo verificar o uso da fluência de leitura como indicador de qualidade de estudantes em processo de inclusão na RA de Samambaia. Para isso a fluência de leitura dos estudantes incluídos no estudo será avaliada a cada bimestre letivo. O estudo 2 (Perfil educacional e funcional dos estudantes com diagnóstico de TEA em processo de inclusão na rede pública de ensino de Samambaia) é do tipo não experimental transversal exploratório e tem como objetivo Caracterizar o perfil educacional e funcional das crianças e adolescentes com diagnóstico de TEA em processo de inclusão na regional administrativa de Samambaia. Para isso, os estudantes incluídos serão submetidos à avaliação interdisciplinar com uso de protocolos validados.

Objetivo da Pesquisa:

São objetivos do presente estudo:

Elaborar indicadores de qualidade de ensino na Educação Especial.

Segundo os autores

1. Caracterizar de forma objetiva a fluência de leitura de alunos da Educação Especial em processo de inclusão na Região Administrativa de Samambaia.

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07/66
Bairro: CEILÂNDIA SUL (CEILÂNDIA) **CEP:** 72.220-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (51)3376-0437 **E-mail:** cep.fce@gmail.com

UNB - FACULDADE DE
CEILÂNDIA DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA



Continuação do Parecer: 2.429.005

2. Verificar a aplicabilidade do indicador "fluência de leitura" para a Educação Especial, utilizando os estudantes neurotípicos como controle.

3. Caracterizar o perfil educacional e funcional das crianças e adolescentes com diagnóstico de TEA em processo de inclusão na regional administrativa de Samambaia.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos que poderiam ocorrer na pesquisa seriam:

A) a exposição dos dados pessoais dos entrevistados. Para minimizar tais riscos, os documentos da pesquisa serão armazenados em armário com chave da Faculdade de Ceilândia e de uso exclusivo dos pesquisadores responsáveis. Além disso, nos arquivos digitais serão utilizadas apenas as siglas dos nomes dos participantes.

B) Desconforto durante a aplicação dos testes ou questionários. Para atenuar tal desconforto, os participantes serão informados que poderão suspender a aplicação dos testes ou questionários a qualquer momento, além de poderem retirar seu consentimento, também a qualquer momento.

Benefícios:

Quanto aos benefícios, os estudantes participantes do estudo 1 poderão ter um retorno mais rápido da evolução em termos de fluência de leitura.

Além disso, os professores participantes terão a oportunidade de utilizar uma nova técnica para monitoramento do aprendizado de seus estudantes.

Para os participantes do estudo 2, há o benefício de uma avaliação detalhada realizada por equipe interdisciplinar, que poderá contribuir para o processo de inclusão, visto que, de acordo com a regional, muitas crianças não apresentam um diagnóstico e não tem acesso a tratamento.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

"Trata-se de projeto de pesquisa a ser realizado com profissionais de diferentes áreas de atuação (fonoaudiologia, terapia ocupacional e pedagogia) e instituições de trabalho (Coordenação Regional de Ensino de Samambaia e Centro Educacional de Audição e Linguagem Luduvico Pavoni- CEAL) e financiamento da FAPDF. O projeto prevê a participação de alunos de graduação nas modalidades iniciação científica e trabalho de conclusão de curso, bem como de profissionais na modalidade bolsista de apoio técnico."

As pesquisadoras são: Vanessa de Oliveira Martins-Reis, Leticia Correa Celeste, Ana Rita Costa Braga, Edinizia Belusi de Melo e Karla Vanessa Gomes dos Santos.

Participarão do projeto todos os estudantes em processo de inclusão regularmente matriculados nos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do GDF, na RA de Samambaia.

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07166
Bairro: CEILANDIA SUL (CEILANDIA) CEP: 72.220-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (51)3376-0437 E-mail: cep.fce@gmail.com

UNB - FACULDADE DE
CEILÂNDIA DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA



Continuação do Parecer: 2.499.005

Estima-se a participação de até 600 participantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos foram adequadamente apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo de pesquisa em consonância com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Cabe ressaltar que compete ao pesquisador responsável: desenvolver o projeto conforme delineado; elaborar e apresentar os relatórios parciais e final; apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa; encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|--|------------------------|------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_851251.pdf | 30/01/2018 14:29:20 | | Aceito |
| Outros | carta_para_encaminhamento_de_pendências_editavel.doc | 30/01/2018 14:28:27 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Outros | TermoCompromissoLeticiaCeleste.pdf | 30/01/2018 14:18:12 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Outros | TermoCompromissoKarla.pdf | 30/01/2018 14:17:53 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Outros | TermoCompromissoEdinizis.pdf | 30/01/2018 14:17:33 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Outros | TermoCompromissoAnaRita.pdf | 30/01/2018 14:17:11 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLEprofessores.doc | 30/01/2018 14:16:43 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de | TCLEpaisestudo2.doc | 30/01/2018 14:16:23 | Leticia Correa Celeste | Aceito |

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07/66
Bairro: CEILÂNDIA SUL (CEILÂNDIA) CEP: 72.220-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (51)3376-0437 E-mail: cep.fce@gmail.com

UNB - FACULDADE DE
CEILÂNDIA DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA



Continuação do Parecer: 2.499.005

| | | | | |
|---|---|------------------------|---------------------------|--------|
| Ausência | TCLEpaisestudo2.doc | 30/01/2018 14:16:23 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLEpaisestudo.doc | 30/01/2018 14:16:03 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Outros | carta_para_encaminhamento_de_pendencias.pdf | 30/01/2018 14:15:14 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projetonoformulariofinal.docx | 30/01/2018 14:14:20 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Outros | termoconcordanciainstituicaoocoparticipante.pdf | 08/11/2017 17:46:27 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Outros | Termoconcordanciainstitucional.pdf | 08/11/2017 17:46:00 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Cronograma | Cronograma.doc | 08/11/2017 17:42:55 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores | TermoKarla.pdf | 19/10/2017 12:37:30 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TALEestudo2.doc | 18/10/2017 20:28:17 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TALEestudo1.doc | 18/10/2017 20:27:56 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Outros | cartaencaminhamentoprojeto.pdf | 18/10/2017 20:15:35 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Outros | LattesVanessadeOliveiraMartinsReis.pdf | 17/10/2017 21:21:35 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Outros | LattesLeticiaCorreaCeleste.pdf | 17/10/2017 21:21:07 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Outros | LattesKarlaVanessaGomesdosSantos.pdf | 17/10/2017 21:20:30 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Outros | LattesEdinizisBelusideMelo.pdf | 17/10/2017 21:20:00 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Outros | LattesAnaRitaCostadeSouzaLoboBraga.pdf | 17/10/2017 21:19:35 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TermodeAssentimentodoMenor2comdesenho.pdf | 17/10/2017 21:16:18 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TermodeAssentimentodoMenor1comdesenho.pdf | 17/10/2017 21:16:00 | Leticia Correa Celeste | Aceito |

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07/66
 Bairro: CEILÂNDIA SUL (CEILÂNDIA) CEP: 72.220-900
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (51)3376-0437 E-mail: cep.fce@gmail.com

UNB - FACULDADE DE
CEILÂNDIA DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA



Continuação do Parecer: 2.499.003

| | | | | |
|--|---------------------------------|------------------------|-------------------------------------|--------|
| Orçamento | planilha_orcamentaria.doc | 17/10/2017 21:10:19 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Outros | autorizacaoEAPE.pdf | 17/10/2017 21:08:45 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Outros | termodecoparticipacao.pdf | 17/10/2017 21:07:38 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | termodeconcordancia.pdf | 17/10/2017 21:06:31 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Folha de Rosto | folhaderosto.pdf | 17/10/2017 20:35:20 | Leticia Correa Celeste | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores | TermoRespCompromPesqVanessa.pdf | 14/04/2017 11:06:24 | Vanessa de Oliveira Martins Reis | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 19 de Fevereiro de 2018

Assinado por:
Dayani Galato
(Coordenador)

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07/66
Bairro: CEILÂNDIA SUL (CEILÂNDIA) CEP: 72.220-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (51)3375-0437 E-mail: cep.fce@gmail.com

ANEXO B - TCLE



*Universidade de Brasília
Faculdade de Ceilândia – FCE
Graduação em Fonoaudiologia*

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – pais ou responsáveis (Estudo 2)

Convidamos seu (sua) filho(a) a participar do projeto de pesquisa **Perfil educacional e funcional de estudantes da Educação Especial da Região Administrativa de Samambaia e construção de indicadores para o monitoramento da aprendizagem**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Vanessa de Oliveira Martins Reis**. O projeto é fruto de parceria entre a Faculdade de Ceilândia da UnB, o Centro Educacional de Audição e Linguagem Luduvico Pavoni e a Gerência de Educação Especial da Coordenação de Educação de Samambaia.

O projeto tem como objetivo geral a criação de indicadores de qualidade de ensino para os estudantes em processo de inclusão na Região Administrativa de Samambaia. O objetivo do estudo 2, que é o que seu filho vai participar, é entender melhor como são as características de crianças em processo de inclusão na regional administrativa de Samambaia quando falamos de questões educacionais e funcionais (por exemplo, como é a fala, como ele entende o mundo a sua volta, etc.). Para isso as crianças e adolescentes selecionados para o estudo, farão uma avaliação realizada por profissionais da área de fonoaudiologia, psicologia, terapia ocupacional e educação. Durante as avaliações serão observados os comportamentos, a fala, a linguagem, a interação social, a brincadeira e a realização de atividades cotidianas. As avaliações serão filmadas e/ou gravadas para posterior análise, mas apenas as pesquisadoras terão acesso às gravações. Os resultados do presente estudo poderão contribuir para um melhor monitoramento da aprendizagem dos estudantes com necessidades especiais.

A avaliação será na própria escola e horário determinado pela direção. Além disso, o senhor deverá responder a algumas questões sobre o desenvolvimento do(a) seu (sua) filho(a).

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que o nome de seu (sua) filho(a) não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a), podendo ocorrer o risco de constrangimento de participar da avaliação ou de responder a alguns dos questionamentos feitos pelas pesquisadoras. Caso seu (sua) filho(a) se sinta constrangido, poderá solicitar a interrupção da aplicação do teste ou da entrevista. No momento da avaliação seu (sua) filho(a) será convidado a participar e sua vontade será respeitada, mesmo que o (a) senhor(a) já tenha autorizado previamente.

O(a) Senhor(a) e seu (sua) filho(a) podem se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para vocês. Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Todas as despesas que você tiver relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (tais como, passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa ou exames para realização da pesquisa) serão cobertas pelo pesquisador responsável.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília e na Coordenação de Educação de Samambaia podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Vanessa de Oliveira Martins Reis, no telefone (98312-5851), disponível inclusive para ligação a cobrar; ou enviar e-mail para vomartins@unb.br.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ceilândia (CEP/FCE) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone (61) 3107-8434 ou e-mail cep.fce@gmail.com, horário de atendimento de segunda a sexta-feira de 14h às 18h. O CEP/FCE se localiza na Faculdade de Ceilândia, Sala AT07/66 – Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED) – Universidade de Brasília - Centro Metropolitano, conjunto A, lote 01, Brasília - DF. CEP: 72220-900.

Caso concorde em participar, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor(a).

Nome / assinatura

Vanessa de Oliveira Martins Reis
Pesquisador Responsável

Brasília, ____ de _____ de _____.

ANEXO C - TALE

ANEXO D – NORMAS DA REVISTA – Educação & Realidade



TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

Perfil educacional e funcional de estudantes da Educação Especial da Região Administrativa de Samambaia e construção de indicadores para o monitoramento da aprendizagem



Brasília, ____ de ____ de ____ .

Assinatura do(a) pesquisador(a).

ANEXO D – NORMAS DA REVISTA *Educação & Realidade*

1. *Educação & Realidade* aceita para publicação artigos que centrem sua discussão na área da Educação, resultantes de estudos teóricos, pesquisas empíricas, análises sobre práticas concretas ou debates polêmicos e atualizados na área. Os textos, em português, espanhol ou inglês, devem ser **inéditos**. Relatos de pesquisa devem ser transformados em artigos para publicação em revista científica, conforme padrão de *Educação & Realidade*.
2. A seleção dos artigos para publicação toma como referência sua contribuição à Educação, dentro da linha editorial da revista. Também são fundamentais a originalidade do tema ou do tratamento dado ao assunto, a consistência e o rigor, tanto do enfoque metodológico quanto da abordagem teórica, e a qualidade do texto.
3. Os originais devem ser encaminhados pelo *site* da revista (<http://educreal.ufrgs.br>). Os textos devem ser salvos no formato Word ou compatível e devem ser justificados, digitados em espaço 1,5, em fonte Times New Roman, corpo 12. As citações com mais de três linhas devem vir sempre em novo parágrafo, em corpo 10, sem aspas e endentadas.
4. Solicita-se que o nome dos autores não apareça no corpo do artigo. Pede-se também a eliminação de trechos que prejudiquem a garantia de anonimato na avaliação e de dados de identificação nas propriedades do documento.
5. Todos os dados de identificação dos autores deverão ser digitados diretamente nos campos apropriados da página de cadastramento do artigo e do/a(s) autor/a(s) no sistema de submissão de artigos, incluindo nome completo do/a autor/a ou autores, endereço postal, telefone e e-mail para contato com os leitores, com uma breve descrição do currículo (no máximo três linhas) e filiação institucional. Esses dados **não devem** constar do arquivo Word (ou compatível) enviado pelo portal.
6. Os artigos deverão ter **entre 35.000 e 60.000 caracteres (incluindo os espaços)**, formatados para folha A4, incluindo as referências bibliográficas, notas e tabelas. Devem vir acompanhados de uma folha de rosto na qual, obrigatoriamente, devem constar resumo e abstract (**entre 550 e 750 caracteres, incluindo os espaços**) e palavras-chave (no máximo 5) em português e keywords em inglês. Os títulos devem ter no **máximo 75 caracteres**, incluindo os espaços, e também devem ser traduzidos para o inglês. A folha de rosto **não pode** conter nenhuma identificação dos autores.

7. Alguns itens a serem observados na digitação dos textos: aspas duplas **somente** para citações diretas no corpo de texto; itálico para palavras com emprego não convencional e para palavras estrangeiras, neologismos e títulos de obras e publicações.

8. As citações devem obedecer à forma (Sobrenome do Autor, ano) ou (Sobrenome do Autor, ano, p. xx). Diferentes títulos do mesmo autor, publicados no mesmo ano, deverão ser diferenciados adicionando-se uma letra depois da data (Sobrenome do Autor, Anoa, p. xx).

9. As referências bibliográficas deverão conter exclusivamente os autores e os textos citados no trabalho e ser apresentadas ao final do texto, em ordem alfabética, obedecendo às normas da ABNT disponíveis em <http://www.ufrgs.br/edu_realidade/referencias-er.htm>. Quando for o caso, sempre indicar o nome do tradutor após o título do livro ou artigo.

Abaixo, alguns exemplos de como proceder:

Livros:

SOBRENOME DO AUTOR, Prenomes sem Abreviatura. **Título do Livro**: subtítulo. Local de publicação: Editora, ano de publicação.

Capítulos de livros:

SOBRENOME DO AUTOR, Prenomes sem Abreviatura. Título do Capítulo: subtítulo. In: SOBRENOME DO AUTOR, Prenomes sem Abreviatura. **Título do Livro**. Local de publicação: Editora, ano de publicação. Páginas inicial e final.

Periódicos:

SOBRENOME DO AUTOR, Prenomes sem Abreviatura. Título do Artigo: subtítulo. **Título do Periódico**, Local de publicação, Instituição, número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final do artigo, mês e ano de publicação.

Teses e dissertações:

SOBRENOME DO AUTOR, Prenomes sem Abreviatura. **Título**: subtítulo. Ano. Número de folhas. Dissertação ou Tese (Mestrado em ou Doutorado em) – Nome do Programa, Nome da Universidade, Local, Ano.

Documento eletrônico:

SOBRENOME DO AUTOR, Prenomes sem abreviaturas. **Título.** Edição. Local: ano. N° de pág. ou vol. (série) (se houver). Disponível em: Acesso em: dia mês (abreviado), ano.

10. Solicitamos que as normas acima sejam cuidadosamente seguidas; caso contrário, os textos enviados **não serão considerados** para avaliação.

11. O processo de avaliação dos artigos enviados à *Educação & Realidade* obedece ao seguinte fluxo:

a) Análise quanto à forma: nessa fase, os artigos são submetidos à leitura de ao menos dois dos editores e são avaliados quanto a sua adequação aos critérios gerais da revista *Educação & Realidade* e à linha editorial. Assim, são rejeitados os artigos que: 1) configuram-se como relatos de experiência ou tenham caráter prescritivo; 2) configuram-se unicamente como revisão bibliográfica; 3) configuram-se notadamente como simples recorte de uma dissertação ou tese, sem a devida adaptação; 4) apresentam-se sob a forma de projeto ou relatório de pesquisa; 5) não apresentam consistência teórica ou metodológica na pesquisa descrita; 6) não apresentam uma análise suficientemente aprofundada da temática que se propõe a discutir; 7) não têm a área da educação como eixo central da discussão; 8) possuem erros de redação, bem como de estruturação do texto; 9) são meramente descritivos e não apresentam uma análise da problemática abordada; 10) não possuem a forma de artigo científico usualmente praticada nos periódicos de Educação; 11) não cumprem as normas da revista *Educação & Realidade* para submissão dos artigos (formatação, citações, referências...); 12) não apresentam resultados, formulações ou conclusões que apontem avanços para a temática proposta; 13) não apresentam elementos empíricos ou argumentações suficientemente desenvolvidas que fundamentem as conclusões. Tais trabalhos serão devolvidos aos autores. Os trabalhos que não se enquadram em nenhuma das características acima serão considerados aptos para a fase seguinte.

b) Análise por pares quanto ao mérito: nessa segunda fase, a Editoria da revista *Educação & Realidade* encaminha o artigo sem a identificação do autor a, no mínimo, dois pareceristas da área temática específica do trabalho (membros do conselho editorial ou convidados *ad hoc*), de dois estados diferentes ou do exterior. Para a seleção dos pareceristas e das áreas temáticas, são consideradas as classificações da tabela de áreas do CNPq e o conjunto de informações acessíveis na plataforma Lattes. A avaliação levará em conta os seguintes critérios: contribuição à área da educação; originalidade do tema e/ou do tratamento dado ao tema; consistência argumentativa; rigor da abordagem teórico-metodológica; qualidade geral do texto. Os

pareceristas podem aceitar plenamente o artigo, aceitar solicitando reformulações ou recusar o artigo. Qualquer uma das hipóteses é justificada por um parecer descritivo. Quando os dois pareceristas recusam o trabalho, o artigo é devolvido ao autor. Quando os dois pareceristas aceitam o trabalho, ele passa à fase seguinte. Por fim, quando um ou os dois pareceristas solicitam reformulações, o trabalho é devolvido ao autor, solicitando que o mesmo considere os pareceres e reformule o artigo no prazo de trinta dias. Quando o autor reenvia o texto reformulado, segundo as sugestões dos pareceristas, ele é reavaliado e passa à fase final.

c) Revisão e adequação do trabalho às normas da revista *Educação & Realidade*: uma vez aceito para publicação, o trabalho é submetido a uma revisão de linguagem e a uma normalização. O trabalho é encaminhado ao autor com as sugestões de correções e adequações, para que seja finalmente encaminhado pela Editoria para a publicação. De modo a garantir visibilidade e acesso internacional dos textos publicados, **a inclusão de versão em inglês do artigo aceito para publicação**, a ser providenciada e custeada pelos autores após o aceite final, **é obrigatória**.